

# Filosofia com crianças – Um caminho forjado nas relações conflituosas entre teoria e prática e na reconstrução da figura docente.

Maria Luzia Marcelino [\(1\)](#)

**Resumo:** O texto mostra como a prática da filosofia com crianças pode mudar a trajetória pedagógica de um docente e tornar sua prática mais interessante para ele e para seus alunos. Mostra o movimento dessa prática na sala de aula ao longo de um ano de desenvolvimento de oficinas de filosofia com crianças de seis anos de idade.

---

Inicialmente gostaria de relatar um pouco do meu percurso dentro da prática filosófica e minha relação com a disciplina filosofia. Sou professora do ensino fundamental – séries iniciais – há 20 anos, porém estou me formando em nível superior apenas agora, e meu contato com a filosofia, enquanto teoria, é recente, deu-se através do curso superior que estou cursando desde 2002, nele tenho visto a teoria filosófica, tenho estudado um pouco da história da filosofia, tenho lido alguns autores, li Platão, tive acesso pela primeira vez a textos de filósofos, antes nunca. Contudo, em alguma medida, não pensava ser possível aliar essa leitura acadêmica à minha prática pedagógica, ou mesmo pensar na prática pedagógica sob uma ótica aristotélica.

No ano de 2004 integrei, por opção, o projeto Filosofia na Escola, uma parceria entre a Universidade de Brasília e as Escolas Públicas do DF, entre elas a escola onde leciono, a Escola Classe 06 de Planaltina, onde eu, então professora de uma turma de educação infantil, 6 anos, busquei por em prática a utilização do filosofar com crianças como instrumento pedagógico. O presente esforço objetiva estabelecer uma relação entre o que estudei por filosofia na graduação, minha prática filosófica com alunos e os conflitos pelos quais passei e passo dentro dessa prática.

Começarei minha colcha de retalhos, formada por teoria, prática e conflitos, procurando refletir sobre a definição do termo filosofia. Etimologicamente o vocábulo é proveniente do grego *philosophía* e quer dizer amor à sabedoria.

Segundo o dicionário Aurélio, o termo filosofia significa:

*Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora 'realidade suprema', ora 'causa primeira', ora 'fim último', ora 'absoluto', 'espírito', 'matéria', etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão? o conhecimento? a consciência? a reflexão? que é explicar? provar? que é uma causa? um*

*fundamento? uma lei? um princípio? etc.), tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo atribua a qualquer daqueles temas, o pensamento filosófico vem-se cristalizando em sistemas, cada um deles uma nova definição da filosofia (Holanda, 1993, p. 780)*

Segundo Marilena Chauí, a filosofia grega é:

*(...) entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento. (Chauí, 2000, p. 20)*

Para mim a filosofia é uma atitude reflexiva diante das práticas humanas, das relações sociais, é uma busca contínua da origem humana, da nossa existência. Sendo assim, o filósofo, aquele que pratica a filosofia, é uma pessoa que busca, com sabedoria, as respostas para a existência humana, que tem amor, amizade, respeito pelo saber. Ele procura e deseja o conhecimento. É aquele que leva seus pares à reflexão. Assim era Sócrates um homem que por onde passava ia indagando aos que encontrava: “você sabe o que está dizendo?”, “você sabe o que é isso em que você acredita?”, “você acredita que a justiça é importante, mas: o que é a justiça?”. Um homem que levava as pessoas à reflexão de suas próprias palavras, que fazia perguntas sobre idéias, um questionador dos valores que seus contemporâneos gregos acreditavam e julgavam conhecer para fazê-los descobrirem surpresos que:

*... não sabiam responder e que nunca tinham pensado em suas crenças, valores e idéias. (...) O pior é que as pessoas esperavam que Sócrates respondesse por elas ou para elas, que soubesse as respostas às perguntas, como os sofistas (que neste contexto são personagens contemporâneos de Sócrates que chamavam a si a profissão de ensinar a sabedoria e a habilidade) pareciam saber, mas Sócrates, para desconcerto geral dizia: “Eu também não sei, por isso estou perguntando”. “Só sei que nada sei”. (Chauí, 2000, p. 38)*

Sócrates buscava a essência verdadeira das idéias, seus valores, aonde estes desembocariam, a qual caminhos nos levariam. Lutava pelo que acreditava e preferiu morrer reafirmando suas crenças a desmenti-las ou a agir em dissonância com estas. Lutava por uma vida digna, assim como por uma morte digna, não estava disposto a tudo para não morrer, queria viver uma vida justa e reta:

*... Também naquele momento, não com palavras, mas com fatos, demonstrei de novo que a morte não me importava, ou me importava menos que um figo, eu diria se não fosse indelicado dizê-lo. Mas não fazer nada de injusto e de ímpio isso sim, me importa acima de tudo. (Platão, 1997, p. 31)*

Acreditava na virtude e não na riqueza:

*Por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e nem tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma, para que ela seja quanto possível melhor, e vou dizendo que a virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vem, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados. (Platão, 1997, p.31)*

Tentando Inspirar-me em Sócrates poderia eu conduzir o projeto de Filosofia em minha sala de aula? Fazer isso com crianças de 6 anos? Seriam elas capazes de responder à altura, como os jovens seguidores de Sócrates? Acreditei possível. Precisava acreditar. Para praticar a filosofia precisava me fazer Sócrates: indagar. Indagar a mim mesma, indagar minha práxis, indagar a meus alunos. Ter uma atitude crítico-reflexiva. Não achar que dispunha ou que era obrigada a dispor de todas as respostas. Que como Sócrates “saber que nada sei”, visto que o conhecimento é inesgotável. Ter nele o exemplo que a virtude é o maior valor a ser buscado pelos seres. Virtude aqui entendida como uma disposição constante para a prática do bem. E o bem naquele momento consistia em propiciar a meus alunos uma educação voltada para o pensar, em não dar respostas prontas, em não começar a robotizá-los desde a educação infantil. Palavras belas, caminho difícil e tortuoso. Minha formação sempre apontou para o oposto: o bom professor é aquele que têm as respostas, é aquele que ensina o caminho certo a seus alunos. Mas existe um caminho certo a todos os seres? Uma boa coisa que a teoria filosófica ensinou-me e que consegui levar para a prática é que não existem verdades absolutas.

A prática tem sido difícil, meus tropeços em minhas convicções foram muitos, para praticar filosofia não há uma fórmula mágica não é como ensinar a ler onde há teoria, há vários métodos, há de uma certa forma algumas receitas. Para praticar filosofia não há receita, cada um precisa forjar e experimentar a sua. Para fazer filosofia com as crianças é preciso fazer filosofia primeiro consigo mesmo, às vezes isso é cansativo, às vezes a gente não quer se indagar, quer ter certeza, não quer abrir mão das crenças despejadas ao longo de toda uma trajetória, não quer perder o chão. Levei muito tempo para perceber que antes eu precisava estar disposta a ouvir o outro, para através do exemplo mostrar a meus alunos que em algumas horas é preciso ouvir para depois falar, é preciso discutir os próprios tabus para poder não passar por saias justas em salas de aula. Como por exemplo quando discutimos violência na roda de filosofia e me percebi autora de algumas daquelas violências. Não há só a violência física, existem várias formas de violências, adultos praticam muitas violências contra crianças, calam suas vozes, treinam seu tom de voz, silenciam sua imaginação. Que professor em algum momento não acaba praticando o silenciamento das idéias para a absorção da sua idéia. Isso não é violência? Por vezes cometemos violência contra nós mesmos. Cobramos de nós o controle de tudo. As oficinas de filosofia nos fazem experimentar a nós mesmos e ao sabor de não se ter controle do dito, do pensado, dos atos. Quando preparava tudo e os alunos não estavam dispostos a falar sobre aquele tema. Que frustração! E quando falavam todos de uma vez! Foram muitos momentos de angústia, mas obriguei-me a caminhar dentro do percurso. Percebi que em meio ao caos não só meus alunos estavam crescendo, mas principalmente eu enquanto profissional. Em meio à uma certa “desordem”, desordem aqui entendida não como baderna, mas

como inversão da ordem comum à sala de aula: professor fala, alunos escutam, estávamos caminhando num terreno desconhecido que me ajudou a ouvir a infância, suas angústias, sua curiosidades, suas inquietações. Ajudou-me a ver naqueles seres de seis anos um mundo encantador, cheio de experiência lúdica, de filosofia a cerca do mundo, de seu funcionamento, e a utilizar essa curiosidade como ferramenta para leitura de mundo, que aprenderam a utilizar a capacidade de indagação, questionamento e perplexidade, ferramenta principal da Filosofia, que se mostra com toda força e espontaneidade justamente na criança. Ao longo das oficinas muitas perguntas e diálogos que eu não julgava capaz a crianças apareceram e colocaram-me em posição difícil de não saber o que responder:

*Quem criou Deus?*

*Um outro Deus.*

*Qual é o tamanho de Deus?*

*Ele deve ser enorme porque ele criou o mundo e o mundo é enorme.*

Achamo-nos superiores às crianças, porém acompanhando as oficinas, pude perceber que essas tem questões muito interessantes, desde que se dê lugar para que frutifiquem, nós com nossa linguagem e racionalidade acabamos por matar essa curiosidade natural. Seria uma espécie de “deseducação” o que muitas vezes fazemos em sala de aula, pois ao longo dos anos, através da retórica matamos a curiosidade e as perguntas para qual não temos respostas. Como Matthews arrisque a dizer:

*“O adulto tem um domínio da língua superior ao da criança e pelo menos o potencial para dominar com mais segurança os conceitos expressos pela língua. Todavia, é a criança que tem olhos e ouvidos atentos para a perplexidade e a incongruência. As crianças também costumam ter um grau de franqueza e espontaneidade difícil de encontrar nos adultos.” (Matthews, 2001, p.46)*

As oficinas de filosofia não tem sido tarefa fácil, mas têm apontado direções interessantes onde os alunos têm aprendido a argumentar com o outro, a redescobrir o mundo, a não se acostumar com a violência cotidiana, a fazer ouvir a sua voz e até mesmo a questionar a figura do professor. Penso que tudo faz parte de um processo ao qual não estamos acostumados e o medo de não estar fazendo o certo sempre vêm, mas não acho que também seja correto continuar moldando a infância segundo nossos interesses e calando sua voz. Essa é uma das grandes possibilidades que a filosofia me mostrou ouvir e pensar com outras vozes que podem me ajudar a ver o mundo sob uma outra ótica, as crianças têm me ensinado a ser um pouco mais Sócrates, a pensar nas virtudes, na beleza do mundo, da arte, da vida, na existência da alma, a repensar as crenças e os valores que estão postos.

Todo professor deveria ser na sua essência um filósofo, um amigo do saber, aquele que tem amor pela sabedoria, aquele que busca o conhecimento, não aquele que

o retém e o repassa a seus alunos. É necessário desmistificar a figura do professor como aquele que tudo sabe, que é superior a seus alunos. É necessário uma mudança de postura, mudança essa que a filosofia é capaz de provocar através de sua prática.

A filosofia é capaz de trazer aos alunos uma maneira crítica de pensar, essa atitude deve ser ensinada no trabalho constante e nas relações estabelecidas com o pensar que as oficinas promovem, de uma prática reflexiva do professor, de um cuidado constante sobre essa prática. É preciso favorecer uma aprendizagem para o perguntar, para a dúvida, para a quebra dos preconceitos sociais e culturais. Se um aluno convive desde cedo com essa prática da pergunta ao invés da prática das respostas, estará voltado para uma educação do pensar. Precisamos para isso praticar filosofia na escola desde cedo, desde a educação infantil e estendê-la em todos os níveis da educação. A criança é um ser filosófico, quer saber o “porquê” das coisas. Os adultos é que vão, pouco a pouco, matando o espírito questionador que há nelas. O “sistema” se encarrega de moldá-las.

A filosofia é fundamental à educação, pois ela respira a busca pelo conhecimento. Um conhecimento que rodeia o homem como o próprio ar o rodeia. Está dentro dele como o ar está em seus pulmões. É renovável, como o ar que é inspirado o é. É mutável, como é a transformação do ar que entra pelos pulmões e que ao sair já não é o mesmo em sua composição. É inesgotável, por mais que respiremos, jamais vamos conseguir respirar todo o ar que nos rodeia. Enfim, o conhecimento, como o ar, é essencial à vida.

Essa mudança de postura só seria possível, se houvesse uma ampla discussão da filosofia na base do problema: junto aos responsáveis pela educação institucional em nosso país, com os professores. Um importante passo já foi dado. Ela já faz parte do currículo dos futuros profissionais da educação e está na grade curricular do Ensino Médio. Mas como atingir àqueles que são os atuais profissionais de educação? Acredito que passando à frente experiências como essa que passei e venho passando na prática de filosofia com crianças. Na nova postura que essa prática evoca ao professor:

*A Filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das idéias conjuntamente, construir sobre as idéias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar. (Lipman, 1990, p. 61 )*

Para mudar o atual quadro da educação é preciso experimentar um pouco de filosofia. Experimentá-la conosco e com nossos alunos. Precisamos aprender na prática essa nova percepção a que Lipman se refere, a filosofia nos torna professores mais humanos, e nos faz menos máquinas de ensinar, nos faz melhores na arte da escuta e faz nossos alunos melhores na arte da fala, do raciocínio e do respeito às idéias do próximo, respeito tão grande que é possível argumentar

contrariamente sem discussões, com construções. Ela muda o movimento da sala de aula. Transforma as relações de poder que passam a ser compartilhadas por todos. Se desde cedo a criança pode vivenciar toda essa gama de experiências do pensar de forma intensa, certamente teremos adultos mais conscientes, mais solidários, mais humanos, seres filósofos, amantes da sabedoria, capazes de uma leitura crítica da realidade.

## Referências

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Novo dicionário da Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

Platão. *Apologia de Sócrates; Críton*. 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

LIPMAN, M. *A Filosofia vai à escola*. S. Paulo. Summus, 1990

MATTHEWS, Gareth B. *A Filosofia e a Criança*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

---

(1) Professora das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Classe 06 de Planaltina. E-mail: [patriciaperegrino@yahoo.com.br](mailto:patriciaperegrino@yahoo.com.br)